



História, Relatos, Representações

MULHER E FAMÍLIA: VIVÊNCIAS DAS CATADORAS DE RECICLÁVEIS DE UNIÃO DA VITÓRIA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Women and families: experiences of pickers of recyclable materials in União da Vitória in the first decade of this century

Las mujeres y las familias: experiencias de las recolectoras de materiales reciclables de União da Vitória en la primera década de este siglo

Itamara Cris Marchi¹

1. UNESPAR -
Campus de União
da Vitória (FAFIUV)

MARCHI. I. C. Mulher e família: vivências das catadoras de recicláveis de União da Vitória na primeira década do século XXI. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p. 103-122, 2012.

Resumo

Este estudo objetiva abordar as mulheres catadoras de materiais recicláveis de União da Vitória no início do século XXI, no universo familiar, no contexto do trabalho doméstico, da participação na comunidade e na atividade que corresponde à única fonte de renda familiar. Como fonte de pesquisa vamos nos deter na análise das entrevistas prestadas ao Projeto “Os Catadores da Margem Esquerda: Coleta, Sobrevivência e Identidade no Médio Iguaçu no início do século XXI”, do colegiado de História, da FAFIUV, realizadas entre 2009 e 2010.

Palavras-chave

Família; gênero; catadoras de materiais recicláveis.

Abstract

This study aims to address the life of women pickers of recyclable materials in União da Vitória at the beginning of the twenty first century, the family environment, the house work, the participation in the community life and in the activity that corresponds to the only source of family income. As a source of research we shall limit to the analysis of the interviews given to the project “The Collectors of the Left Bank: Collecting, Survival and Identity in the Mid Iguaçu at the beginning of the XXI century”, of the History collegiate, of the FAFIUV, conducted between 2009 and 2010.

Keywords

Family; genre; pickers of recyclable materials.

Resúmen

Éste es un estudio acerca de las mujeres recolectoras de materiales reciclables de União da Vitória a principios de este siglo, el universo familiar, en el contexto del trabajo doméstico, la participación en la comunidad y la actividad que corresponde a la única fuente de ingresos de la familia. Como una fuente de la investigación se realiza el análisis de las entrevistas concedidas al proyecto “Los recolectores de la margen izquierda del río: la recogida, la supervivencia y la identidad en el Medio Iguaçu a principios del siglo XXI”, del curso de Historia de la Universidad, el FAFIUV, llevado a cabo entre 2009 y 2010.

Palabras clave

Familia; género; recolectores de materiales reciclables.

Introdução

O estudo da história tem caráter político, visto que o historiador se coloca junto e em relação aos poderes éticos de sua época, agregando funções que estão além de pesquisar no passado para compreender o presente e projetar o futuro. Assim, “*o conhecimento sensível nunca alcança plenamente a realidade e que a partir de particularidades ele se aproxima da totalidade, mas não como soma ou uma ampliação estatística de caos*” (DROYSEN, 2009, p. 25).

Projetamos para este estudo a análise do universo familiar e o papel das mulheres catadoras de materiais recicláveis de União da Vitória no início do século XXI, no contexto do trabalho doméstico, da participação na comunidade e na atividade que corresponde à única fonte de renda familiar. Abordando as questões de gênero e cidadania, sentiu-se dificuldade em explorar a fonte, visto que o roteiro das entrevistas realizadas num primeiro momento com as catadoras visava outros fins, os quais cumpriam a função de diagnosticar os grupos dos catadores de materiais recicláveis de União da Vitória para compor um documentário, e não estavam exatamente

direcionadas ao objetivo de nosso trabalho. Vamos nos deter neste trabalho na análise das entrevistas elaboradas para o projeto “Os catadores da margem esquerda”, de acordo com as possibilidades que as mesmas fornecem para o nosso foco de estudo que é a mulher e a família .

Os principais pontos de discussão deste trabalho são as questões de gênero e família. Contudo, para se chegar até eles vamos trabalhar também com questões como exclusão social e relações de trabalho. Para tanto vamos abordar, para refletir sobre gênero, os trabalhos SCOTT (1992) que busca revelar a importância das contribuições entre o desenvolvimento da história das mulheres e o movimento feminista; PERROT (1988) que aborda o papel das mulheres na classe trabalhadora na França do século XIX e o sentimento de coletividade que as unia em motins, para, por exemplo, reclamar sobre o valor do pão; SOIHET (1997) descreve as principais abordagens acerca da história das mulheres e gênero; abordaremos também o trabalho mais recente de PEDRO (1999), que discute a mulher no cone sul da América, nos permitindo um olhar mais próximo da nossa realidade.

Abordar a discussão de gênero é de fundamental importância neste trabalho, pois poderemos compreender, ou possibilitar a reflexão, sobre a identidade feminina do ambiente familiar. Para SCOTT (1992, p. 86):

‘Gênero’ foi o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Nos Estados Unidos, o termo é extraído tanto da gramática, com suas implicações sobre as convenções ou regras (feitas pelo homem) do uso da lingüística, quanto dos estudos da sociologia dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens. Embora os usos sociológicos de ‘gênero’ possam incorporar tônicas funcionalistas, as feministas escolheram enfatizar as conotações sociais de gênero em contraste com as conotações físicas de sexo.

Gênero não é uma preocupação com as diferenças de sexo (portar órgão sexual masculino – pênis –, portar órgão sexual feminino – vagina), mas nos permite compreender a dimensão social das diferenças sexuais, isso quer dizer buscar desconstruir as idéias de masculino/feminino ou masculinidade/feminilidade. Portar órgão sexual faz parte da biologia humana, compreender o gênero é analisar a construção social tanto do sexo como das diferenças sexuais, onde um não é melhor que o outro, diferente apenas fisicamente, ou

seja, é a partir do contato social que passamos a incorporar valores, crenças e costumes.

Para SOIHET (1997) o termo “Gênero” indica a estrita relação entre a mulher e o homem, onde não é possível compreender a existência de um sem a presença de outro. Dessa forma, a *“palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. [...] é uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”* (SOIHET, 1997, p. 279).

É no ambiente familiar que muitas das construções sociais são moldadas. Sobre a família é possível abordar os estudos de ÁRIES (1982), contudo a que se tomar cuidado devido a fragilidade das fontes que utiliza, são fontes iconográficas que podem não ter retratado com fidelidade as cenas descritas pelo autor, basta refletirmos sobre atitudes atuais quando nos preparamos para registrar em fotografia algum momento familiar, de festa, de cerimônia, sempre nos organizamos para ficar o melhor possível, raramente nesses momentos registramos a imagem de surpresa, quase sempre premeditadamente.

Porém, não se descarta o seu trabalho devido a possibilidade de produzir diversas discussões a partir de sua percepção. O que nos auxilia no desenvolvimento da compreensão de como a família foi sendo constituída com o passar dos séculos, e como o papel das mulheres foi se alterando, passando por períodos de grande participação nas decisões familiares, até se tornar submissa ao homem, seja ele o pai ou o marido.

Sheila de Castro Faria (1997) aborda a história da família do ocidente enfatizando a ligação com a demografia histórica, descrevendo brevemente as principais abordagens sobre o tema o que nos permite tomar conhecimento das linhas que discutem o papel da família e seu desenvolvimento na sociedade, para compreendermos o leque de possibilidades de análise nesta área.

Para abordar essa questão de gênero a partir das mulheres catadoras de materiais recicláveis no universo familiar, tomaremos como fonte as entrevistas elaboradas para durante o Projeto “Os Catadores da Margem Esquerda”. Projeto este do qual fizemos parte e temos acesso ao banco de dados disponibilizado no laboratório de História Oral do colegiado de História da referida faculdade. Para dialogar com esta fonte vamos abordar as questões de gênero visando o papel das mulheres na família enquanto provedoras do

lar, desta forma abordando a condição de serem catadoras neste contexto de princípio de século e qual sua função social nesta dinâmica.

O uso da História Oral será feito a partir do trabalho de Thompson (1992). O autor defende amplamente que a entrevista possibilita intervenção à fonte imediatamente, algo que em livros, manuais, diários é dificultado pelo fator tempo e pelas limitações impostas sobre o que está escrito e o que poderia, ou deveria ter sido escrito, permite evidenciar o potencial da História Oral como fonte. Os relatos nos proporcionam reflexões variadas, pois são impregnados de ricos detalhes, onde a dúvida não é uma constante e a precisão das conclusões é mais significativa, quando o mediador entre os questionamentos e as memórias – o entrevistador – sabe se posicionar diante das lembranças, e a partir delas construir sua reflexão e análise.

Utilizar-se da História Oral é andar em campo duvidoso para alguns, enquanto para outros é a possibilidade de inquirir sua fonte momentaneamente. THOMPSON (1992) realiza uma série de análises de outros documentos em relação ao uso da História Oral. Como por exemplo, o uso de autobiografias como fonte rotineiramente citada. Para ele, elas “*carecem de algumas das vantagens da entrevista e pouco oferecem em compensação. O autor não pode ser interrogado, nem se pode pedir-lhe que se estenda sobre algum assunto de especial interesse*” (THOMPSON, 1992, p. 142). Muitos ainda resistem a uma entrevista, ou entrevistas, como fontes, pois exigem um empenho maior além de ler e interpretar.

Como nos descreve THOMPSON (1992), uma entrevista precisa ser elaborada, ou seja, é necessário um conhecimento prévio sobre aquilo que se vai questionar para não deturpar as informações a serem recebidas. Durante a entrevista é preciso saber ouvir mais do que falar, e quando falar saber elaborar as indagações como questionamentos concretos, não induzindo a resposta para aquilo que o entrevistador quer ouvir. É preciso saber dialogar, pois durante a entrevista podem surgir perguntas além das elaboradas anteriormente. Depois do processo de entrevista, que requer conhecimento, preparo e disciplina, dentre inúmeras outras habilidades de entrevistador/historiador, é preciso transcrever palavra por palavra da entrevista, além de possuir a autorização do entrevistado para uso das informações que prestou. E aí sim, partir para a análise, para a reflexão.

Contudo, a evidência da história oral caracteriza-se também por ser geralmente retrospectiva por um intervalo de tempo

mais longo. Isto não se deve a que suas fontes sejam faladas. Ao contrário o gravador possibilita tomar declarações durante ou imediatamente após um evento, enquanto o texto escrito quase sempre exige um intervalo (THOMPSON, 1992, p. 149)

O uso de fontes orais pode se justificar pela possibilidade de questionar sua “fonte viva” do passado no exato momento de sua dúvida, ou curiosidade, contudo é preciso estar ciente de que essas fontes possuem sentimentos, possuem características lapidadas pelo tempo e que podem tender a influências extra-curiosidade e necessidade do entrevistador, o qual necessita confirmar por outros meios a veracidade das informações obtidas com a entrevista, o historiador busca dar validade aos seus escritos.

Indagamos então: quais são as relações estabelecidas pelas catadoras de materiais recicláveis com seus familiares, enquanto provedoras do lar? Essas mulheres se reconhecem nesta função? Que expectativas projetam para seu futuro e o futuro de seus filhos? Quais são as características destas famílias? Como se relacionam umas com as outras nas comunidades de catadores de materiais recicláveis?

Vivências: família e trabalho

A família centrada na figura materna é um arranjo doméstico tradicional no Brasil. Desse modo, nem sempre existe o eixo de gênero. Este não é, porém, um sintoma de desorganização, numa sociedade onde os homens morrem prematuramente ou são obrigados a deixar a família em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Pelo contrário, isso vem provar a grande capacidade de ajustamento do grupo familiar a situações de instabilidade, instabilidade sempre potencial (MELLO e GOMES, 1999, p. 314).

A presença do trabalho feminino como forma de prover o sustento da família ou complementar a renda desta, sempre esteve presente entre as camadas populares. As tarefas desempenhadas eram várias: doceiras, lavadeiras, amas de leite... Tantas eram as atividades e tamanha era a presença das mulheres nas ruas dos centros urbanos que no final do século XIX, como nos demonstra PEDRO (1999), em Desterro a elite local não suportava a idéia

da circulação de mulheres buscando meios para se manter. Eram consideradas inconvenientes que precisavam ser afastadas do centro, pois deixavam uma péssima imagem e impediam-na de se tornar uma cidade “limpa” e “civilizada”.

Segundo PEDRO (1999) as maneiras encontradas para se manter a estrutura de produção familiar e a idéia de que a mulher era a provedora do lar permitiram a elaboração de uma forma de resistência, que impossibilitava a divisão dos papéis e competências entre homens e mulheres.

O crescimento da troca de mercadorias, responsável pela delimitação da família perante a esfera de reprodução social, ao romper os limites da economia doméstica provocou, no Ocidente capitalista, uma nova divisão dos papéis sexuais e a redução das mulheres nos papéis familiares (PEDRO, 1999, p. 328)

Para Áries (1982) o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII é intimamente ligado ao sentimento de infância. Esse sentimento é amplamente analisado pelo autor através de iconografia da Idade Média, e que de uma forma geral trata do sentimento de família, o qual surge no decorrer dos séculos XV-XVI, e que vai agregando valores e condutas, não sendo caracterizado pelo mesmo sentimento familiar atual, “*o sentimento da família era desconhecido da Idade Média e nasceu nos séculos XV-XVI, para se exprimir com um vigor definitivo do século XVII*” (ARIÉS, 1982, p. 210). Para o autor a família moderna é resultado de um processo de evolução no fim da Idade Média, que acabou por esvaziar as questões de linhagem e as possibilidades de indivisão. Esse processo de indivisão, até o século X, dizia respeito a apenas o marido gerenciar os bens hereditários; a partir dos séculos XI e XII, marido e mulher puderam tomar conta de seus bens hereditários separadamente, cada um comprando e vendendo sem que o outro pudesse interferir. Deste período em diante, contudo, a mulher vai perdendo a liderança no seio familiar, sendo submetida, juntamente com os filhos ao controle do marido.

Já a partir do século XVIII a família vai sofrendo alterações mais significativas, de acordo com ÁRIES (1982), a partir do momento em que a relação com as crianças se altera.

Vimos que na Idade Média a educação das crianças era garantida pela aprendizagem junto aos adultos, e que, a

partir de sete anos, as crianças viviam com uma outra família que não a sua. Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto (ARIÉS, 1982, p. 231).

Isso se deu pela preocupação dos educadores em isolar a criança e o jovem do convívio errante do mundo adulto. E também pela preocupação dos pais em vigiar sua prole de perto. O sentimento de família vai surgir e se consolidar com a aproximação do adulto à criança percebendo-a como criança e se preocupando em criar o mundo da criança.

Para MELLO e GOMES (1999) a cultura familiar na América do Sul é de origem rural, famílias inteiras que se direcionavam às cidades provocando grandes aglomerações. A origem comum acaba se tornando responsável, segundo as autoras, pela busca de meios de sobrevivência entre pobres e miseráveis principalmente nas grandes cidades da América Latina. Além das diferenças sociais que irão colocar a margem esta população, o problema mais sério seria, de acordo com MELLO e GOMES (1999), os modelos normativos de família quando observados na dinâmica das classes urbanas mais pobres, onde a sociologia e a psicologia por vezes os elaboram de forma bastante estreita. Ou seja, *“qualquer tipo de ordenação familiar que não corresponda ao modelo da família nuclear – pai, mãe e filhos – implica a desordem, a desorganização da vida familiar, e a idéia de desordem é fundamentalmente negativa, impregnada de preconceitos desqualificadores”* (MELLO e GOMES, 1999, p. 313). Na realidade em alguns casos se vê um esforço muito grande em manter a unidade familiar, pois é a única segurança que se tem.

A história da família brasileira carece de estudos como nos demonstra FARIA (1997, p. 252):

[...] os estudos sobre a família brasileira do passado, quer os originados da demografia histórica e de estudos interdisciplinares, quer os mais tradicionais, ensejaram muita imprecisão, para não dizer confusão, no meio historiográfico. Por outro lado, nas poucas análises historiográficas sobre o tema, há uma tendência de se incluir a história da mulher e da sexualidade na história da família.

Vamos fazer aqui uma análise de gênero, contudo atrelada ao sentimento de família e não apenas inclusa nesta, pois são momentos distintos embora fazendo parte de um mesmo núcleo as mulheres não existem apenas dentro da família, elas tem relações de trabalho, de amizade, de comunidade, que implicam pensá-las além das relações de parentesco. Cabe ressaltar que o entendimento de família no qual este texto se apóia não se refere à família nuclear acima apontada, mas no grupo de pessoas com laços sanguíneos, ou independente deles, que convive em uma mesma residência ajudando-se mutuamente. Tratam-se de famílias formadas por mães e filhos, avós e netos, mãe, filhos e padrastos.

O nosso foco neste trabalho é permitir a reflexão acerca das relações destas mulheres catadoras, buscando através de seus relatos compreender seu modo de vida em família, além disso, observa-se que a relação destas com a sociedade é conflitante, como nota-se no relato a seguir: “*Você vai meche numa sacola, você tem que pegar a sacola e olha se tivesse lixo o que teve você tem que pegar senão já te olham com cara feia [...] é comida, é papel higiênico, as veis tem seringa junto*” (V.R.)¹. Esta catadora de 36 anos de idade, moradora do bairro Limeira, em União da Vitória, está em união estável, tendo dois filhos, ambos morando com o casal. Sua casa é rústica, de madeira aproveitada, e é própria e já paga, onde reside a mais ou menos cinco anos. A família não recebe nenhum auxílio financeiro. Ela sabe ler e escrever e frequentou o antigo primário.

Antes de ser catadora de materiais recicláveis era doméstica, e ficou desempregada por dois anos. Hoje cata pelos bairros da cidade, sendo esta sua única fonte de renda. Trabalhando oito horas por dia, durante seis dias da semana, atinge uma renda média de R\$ 250,00 reais. Assim como ela, a maioria das catadoras entrevistadas relatam que assumiu este trabalho por não encontrar outra alternativa de sustento, e o que mais apontam como causa de falta de opção é a baixa escolaridade que possuem, além de ser uma atividade que proporciona uma certa liberdade já que muitas mulheres procuram também por trabalhos de diaristas, ou seja, quando surge a oportunidade incluem em sua rotina de catadoras o trabalho de doméstica/ diarista.

Além dos problemas enfrentados e relatados pelas catadoras, também podemos encontrar testemunhos de orgulho de sua atividade, como podemos

1. No intuito de preservar a identidade das mulheres catadoras de material reciclável de União da Vitória as identificaremos no texto apenas com as letras iniciais de seus nomes.

observar no testemunho a seguir de D.R., 70 anos, casada e com um filho. Ela mora em casa de madeira beneficiada, rústica, cedida por um empregador a mais de dez anos. São três pessoas que residem na casa. Ela recebe um auxílio do governo, o que complementa a renda da família. D. R. sabe ler e escrever, freqüentou o antigo primário. Antes de ser catadora foi agricultora e também atendente de sorveteria por certo tempo. Viajou por várias cidades ensinando a fazer sorvete, talvez esse fato explique porque não ficou desempregada. A renda da família é acrescida da aposentadoria, com a coleta de materiais recicláveis alcançam uma renda de aproximadamente R\$ 150,00 reais por mês, trabalhando três dias por semana, em torno de quatro horas por dia.

Pra mim qualquer trabalho é trabalho, como a gente foi mais nova era de balcão da sociedade [...] mas tem muita gente que tem vergonha, ai de ir catar, a gente ganha muita coisa desde roupa, desde tudo inclusive eu do pros outros porque aqui nós somos só em três [...] então ajuda em alimento, roupa [...] é muito gratificante (D. R.)

Esta mesma catadora relata brevemente sua chegada a esta cidade “Quando eu vim morar aqui nessa cidade eu tinha uma filha, eu criei uma filha sozinha” (D. R.). Além de chegar a uma nova cidade precisou enfrentar o desafio de criar uma filha sozinha, vamos pensar na época em que esta senhora, que conta agora com 70 anos, precisou encarar a família e a sociedade, em um momento em que a sociedade, vamos dizer, não via com bons olhos tal atitude.

Para VICENTE (1999), já está em tempo de se rejeitar o significante da palavra “homem” quando estivermos nos referindo aos seres humanos do sexo feminino e do sexo masculino, principalmente porque além do sentido etimológico da palavra homem, seu outro significado é pessoa do sexo masculino.

De acordo com os sócio-linguistas, os significantes e os significados não são selecionados de forma arbitrária, mas traduzem antes a hegemonia de uma expressão sobre outra, o que, por sua vez, constitui sinal de uma prática social determinada. A língua irá elucidar que a norma é o masculino e a exceção o feminino (VICENTE, 1999, p. 42).

Dentre as analogias feitas com o sexo feminino uma em questão é o “sexo frágil”. Segundo MOURA (1999) tanto abstrata como coletivamente a mulher aparece como o “sexo frágil”, ou seja, é mulher é frágil. Um rótulo que ainda é usado atualmente. Este não é um indicativo puro do sexo feminino, mas “*trata-se na realidade, de expressão que encerra um conteúdo extremamente significativo no que diz respeito à condição feminina e às relações de gênero*” (MOURA, 1999, p. 102).

Outra expressão que pode ser analisada juntamente com a idéia de “sexo frágil” é a de “rainha do lar”, esta última intimamente ligada ao objetivo de se elaborar uma mulher ideal. Segundo MOURA (1999, p. 102),

[...] enquanto a expressão “sexo frágil” é largamente utilizada para traçar o perfil feminino, a “rainha do lar” é um indicativo do espaço que compete à mulher, “se consagra em função de seu conteúdo normativo e disciplinador do comportamento e mesmo das aspirações do sexo feminino.

Não pretendemos fazer qualquer analogia em relação à força, capacidade e competência de ambos os sexos, mas podemos perceber com os relatos a seguir como as mulheres se responsabilizam por funções que estão além do cuidado com o lar. E refletindo sobre a idéia da mulher que é a provedora deste mesmo lar, na ausência do marido ou em muitos casos com uma parceira significativa nos ganhos familiares com sua atividade quando “os homens da casa” saem do trabalho de coleta para exercer outra atividade temporariamente.

Vejamos dois casos.

M.O. tem 69 anos, é viúva, mora com a filha e dois netos. Está a 12 anos trabalhando com a coleta de materiais recicláveis, sua filha a ajuda apenas no momento de enfardar; é ela que sai para catar e faz a classificação dos materiais. No início desta atividade, dedicava-se alguns dias da semana também a tarefa de diarista. Sua casa é de alvenaria, rústica, própria e já paga; ela reside a cerca de cinco anos no Distrito de São Cristóvão. Além da coleta sua renda é complementada com auxílio do governo e aposentadoria. Sabe ler e escrever, para tanto freqüentou a alfabetização de jovens e adultos. Antes de ser catadora de materiais recicláveis era agricultora e ficou dez anos desempregada. Atualmente trabalha três dias por semana, por quatro horas, obtendo uma renda mensal de aproximadamente R\$ 50,00 reais. Ela conta como tra-

balhava e as condições atuais

Eu demorei me acostumar a mora, nesses canto ai, porque era longe, eu bardiava nas bolsa lá de baixo do... pra baixo do Melvim eu ia. Eu ia carregava quatro bolsa, duas dum lado, duas do outro, e por aqui pra casa. [...] Eu já não saio mais, porque daí pela minha idade eu já não agüento trazer a gaiota carregada. [...] Só o meu ganho não chega porque tem criança na aula, você vê, agora vai uma nota porque tem material pra compra, tem tudo né, comida pra dentro de casa, só o meu ganho não chega então entera com o papelão (M.O.)

Já Z. L., 55 anos, casada e mãe de sete filhos, antes de ser catadora de materiais recicláveis vendiam laranjas e trabalhava como ervateira (na colheita da erva mate), está completando treze anos nesta atividade. Dois filhos moram com ela e o marido, juntamente com dois netos. Na casa os homens também são catadores, contudo quando surge outro serviço eles o preferem. Apenas um dos filhos, que mora na casa, tem outro serviço, ou seja, que não ajuda na coleta, triagem e venda de materiais recicláveis. Z. L. recebe a auxílio da Bolsa família do governo. O período de trabalho é de segunda-feira a sábado até o meio dia. Nos dias de semana fazem três saídas diárias, passando por bairros mais próximos e pelo centro. Sua casa é de madeira aproveitada e fica na Ribeirinha². Começou a catar por indicação de um conhecido, e atualmente sua renda varia entre R\$ 80,00 a R\$ 120,00 reais, dependendo da quantidade de material entregue por semana, o que segundo ela, oscila bastante.

Desenvolver a atividade de catar, triar e vender todo material encontrado pelas ruas constitui uma fonte de renda para as famílias catadoras de União da Vitória, e para a mulher desempenhar esta função é a possibilidade de contribuir muitas vezes com o maior percentual de sustento do lar e se responsabilizar ainda com os cuidados com a casa e com as crianças, e poder exigir, como o faz Z. T., casada, com 37 anos, mãe de dois filhos, residente no bairro São Brás a mais de dez anos, em casa de alvenaria, não rústica, própria já paga. Mora com o marido e filhos, portanto quatro pessoas que recebem auxílio do governo para complementar a renda, acrescida também pelo trabalho do marido. Z. T. que sabe ler e escrever, pois frequentou a escola até o

2. Conjunto de casas à margem do Rio Iguazu, próximas à área central da cidade, em sua maioria ocupadas por catadores de materiais recicláveis.

antigo ginásio, antes de ser catadora era diarista e não ficou desempregada. Relatou que seu pai, que não mora com ela, ajudava a catar antes de adoecer. Hoje ela consegue obter uma renda aproximada de R\$ 150,00 reais por mês e se orgulha ao contar que sua filha ficou em primeiro lugar em uma gincana na escola que tinha por tarefa recolher garrafas pet.

Eu gostaria que as pessoas se conscientizassem mais pra separa mais o lixo porque muitas vezes esse lixo, como eu vejo ali no rio Iguaçu, muitos litro boiando ali muita sujera, essa água ali ta poluindo pra nós mesmo, e tem muita gente que não ta separando os lixo sabe, vai tudo assim no meio dos orgânico, do papel higiênico, por que? Se eles sabem que tem bastante coletador, quando eu vo nossa, encontro um em cada esquina, nossa tem bastante coletador, por causa que a vida ta muito difícil, ta muito dificultoso pra todo mundo... Por que as pessoa não separa o lixo? (Z. T.)

Mais uma vez podemos perceber a necessidade de se trabalhar com o tema aqui discutido: proporcionar um momento de reflexão sobre a atividade desempenhada por estas mulheres, que contribuem tanto para suas famílias como para a sociedade, neste contexto de início do século XXI, ou seja, abordando a sua função social e desconstruindo as imagens do “sexo frágil” e de “rainha do lar”.

Para SOIHET (1997), o processo de desenvolvimento da história das mulheres esteve intimamente ligado às inovações na historiografia que propiciou a pesquisa sobre diversos temas.

Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também introduzem-se novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros (SOIHET, 1997, p. 280).

Segundo FONTES (2005) o processo de expansão do capitalismo e a impossibilidade de viver fora de suas redes conduziram o desenvolvimento econômico e social durante o século XX. “A *generalização da mercantilização da sociedade, componente essencial da expansão capitalista, reduzia (ou simplesmente eliminava) a possibilidade de sobrevivência individual fora do merca-*

do” (FONTES, 2005, p. 25). Excluídos do mercado de trabalho formal, grupos sociais à margem da sociedade buscam alternativas para sobreviver, encontrando no trabalho informal a possibilidade, não de se inserir diretamente no mercado, mas desempenhando funções que criam estigmas sociais e que não são atendidos por políticas sociais e nem pela justiça.

A informalidade do emprego em 2004 atinge 40,8 % da população brasileira. Destes 22 % trabalhavam por conta-própria, 7,7 % eram trabalhadores domésticos, 7 % não-remunerados, 4,1 % eram empregadores em outras categorias típicas do setor informal. Atentos a região Sul, das pessoas com 10 anos ou mais ocupadas 54,5 % estavam empregadas, 6,3 % eram trabalhadores domésticos, 20,6 % trabalhavam por conta-própria, 5,2 % empregadores, 8,7 % não-remunerados, 4,6 % trabalhavam na produção para consumo próprio e 0,2 % trabalhavam na construção pra o próprio uso (MARCHI, 2010, p. 30).

Estes dados foram abordados em outro momento, mas nos servem aqui para demonstrar o alto índice de pessoas que vivem do trabalho informal, e como o capitalismo acaba os inserindo de forma forçada no mercado de trabalho compulsório. A partir da concretização deste trabalho buscamos dar visibilidade a tal segmento social, no intuito de que a sociedade tome conhecimento do dia a dia da coleta, que está muito além do passar nas ruas com a “gaiotinha” coletando o que os “outros” não querem mais e a partir da triagem vender o que pode ser reaproveitado e no final do dia poder contar com um quilo de alimento na mesa.

Considerações finais

Trabalhar com as relações intrafamiliares do segmento social das catadoras de materiais recicláveis de União da Vitória no início do século XXI permite desenvolver diversos campos de análise: a mulher, a família, as relações de trabalho neste princípio de século, os reflexos na sociedade união-vitóriense, as relações e as perspectivas sobre o futuro da profissão, preocupações com o meio ambiente, como demonstrado neste trabalho.

As famílias das catadoras de materiais recicláveis de União da Vitória, na sua maioria, tem por estado civil o casamento, embora exista uma sig-

nificativa parcela de solteiros nesta atividade e um grande número de concubinatos, assim como viúvos, uniões estáveis e separados. A maioria também destas mulheres tem entre 1 e 13 filhos, desta forma percebemos que são famílias numerosas, onde muitas ainda abrigam todos os filhos sob o mesmo teto. Domicílios estes feitos de madeira aproveitada, casas rústicas com pouca infraestrutura para abrigar tantos membros. É neste momento que podemos perceber que dificuldades são uma constante na vida destas mulheres.

As áreas ocupadas por estas famílias, em alguns casos áreas de invasão e próximas ao Rio Iguaçu, o que gera muitos contratemplos em período de enchentes, talvez nos permitam compreender o fato de a grande maioria ter respondido a questão de “Condição de ocupação do imóvel” como “Próprio já pago”, enquanto alguns responderam como “Cedido por particular”, “Alugado”, “Cedido por empregador”, “Próprio pagando”, ou outras alternativas não informadas. Não estamos querendo uma justificativa para tal fato, o que queremos é refletir sobre esta questão. Mais um indício de que viver de coleta de materiais recicláveis não gera o necessário para estas famílias adquirirem um imóvel onde possam viver dignamente.

Já tendo iniciado a pesquisa das referidas fontes percebeu-se que há uma grande possibilidade de utilização deste material, em outros momentos já abordamos assuntos diferentes e com elas podemos, por exemplo, verificar que nos municípios de União da Vitória e Bituruna onde o projeto foi desenvolvido, em um primeiro momento de entrevistas com 106 catadores, 50 % ficaram desempregados antes de coletar, 45,2 % não estavam desempregados e 4,7 % não responderam. Destes 36 % ficaram desempregados de 1 a 6 meses, 45 % desempregados de 1 a 5 anos, 7 % até 10 anos desempregados e 12 % não souberam responder.

Deste percentual, para 62 % a coleta é a única atividade exercida, 33,2 % tem outra atividade e 4,7 % não responderam. Sua rotina de trabalho corresponde a 6 dias por semana (44,33 %), 2 dias por semana (2,3 %), 3 dias (15%), 3 % trabalham 4 dias, 17 % coletam 5 dias, os que trabalham todos os dias (10,47 %) e 8 % varia toda semana ou não responderam. Esse catadores trabalham entre 2 e 10 horas diárias: 51 % trabalham 8 horas, 15 % trabalham 4 horas, 8,5 % não tem tempo definido ou não responderam, 5,5 % catam por 6 horas, 5 % trabalham 3 horas por dia, 4 % trabalham por até 10 horas e 11 % por 2, 5, 7 e 9 horas.

E ainda verificou-se que a renda média é de R\$ 100,00 a R\$ 300,00

reais para 54,7 %, 12,3 % até R\$ 100,0 reais, 20 % de R\$ 300,0 a R\$ 500,00 reais, 8 % com uma renda de R\$ 500,00 a R\$ 800,00 reais, 4 % não sabem exatamente o valor pois todos os meses varia e 1 % atinge até R\$1.800,00 reais por mês. Esse dados foram levantados para compor outro artigo mas que nos servem de referência neste momento para demonstrar a necessidade e a possibilidade de se trabalhar com estas fontes orais,

Analisando os dados da População economicamente ativa e não-economicamente ativa, por sexo, segundo as Grandes Regiões – 1990, atentos para a Região Sul, percebe-se que 61,6 % da população estava ativa, destes 36,1 % eram mulheres. Isto significa que praticamente 40 % das pessoas da região Sul estavam desempregadas em fins dos anos 1980 (MARCHI, 2010, p. 30).

Como já mencionado anteriormente esta atividade surge como opção de trabalho para as catadoras devido ao pouco ou nenhum estudo que possuem, como não estão qualificadas dentro dos padrões da lógica capitalista esses dados demonstram que essas mulheres sustentam suas famílias com menos de um salário mínimo. Diante disso podemos constatar, não apenas com os dados, mas também com a experiência das entrevistas ao visitar essas mulheres, que as condições de vida que levam são as mais simples e pobres, ou seja, estão às margens da sociedade.

Esse baixo ganho das famílias das catadoras, em alguns casos, é complementado por algum auxílio do governo ou um trabalho extra, um “bico”, algo que acontece esporadicamente, desta forma podemos constatar que o ganho obtido com o trabalho de coleta e venda de materiais recicláveis não é suficiente para manter as famílias das catadoras.

Com estes dados podemos discutir também as questões de renda, desemprego, trabalho informal, período de trabalho o que é uma realidade não apenas em União da Vitória, mas sim uma experiência que dialoga com perspectivas de trabalho de muitos sujeitos do país como vimos nos dados de 1990 apresentados acima, e ainda o que nos propomos a fazer aqui abordar a fonte em relação à composição familiar e a visão das mulheres sobre seu trabalho como, por exemplo, no testemunho de D.R.

Claro que vale a pena e a gente gosta e também é mais uma

atividade que a gente tem, há e ninguém chega dizer: - Há você deve fazer isso! Assim é bem legal [...] não tem condições (de viver apenas de reciclagem) porque eles baixaram muito o preço, inclusive a latinha que a gente vendia bem 3,00 reais, 3 e pouco o quilo, hoje tá 1,00 nem 1,00 não tá [...] antes, em janeiro do ano passado eu fazia até 300,00 reais hoje não faz 150,00, 160,00 por aí, então é uma ajuda a mais [...] se a pessoa viver só disso não dá.

É o testemunho do presente que nos permite reconstruir conjunturas históricas para compreender os rumos da sociedade.

Para SCOTT (1992) a extrema necessidade da história das mulheres esteve intimamente ligada à necessidade de se pensar a categoria das “mulheres” a fim de constituírem uma identidade política. Esse despertar para se analisar a história das mulheres entendia que a opressão sofrida pelas mulheres e a sua nula visibilidade é atribuída àquilo que a autora considera como tendenciosidade masculina.

Segundo SCOTT (1992) a história das mulheres só foi considerada legítima, como pertencente à História, quando foi possível comprovar a natureza e a experiência das mulheres em separado, ou seja, além da experiência do homem, a partir deste momento foi possível consolidar a “identidade coletiva das mulheres”. Com isto conquistou-se um lugar para a história das mulheres dentro da História e as diferenças entre ambas.

Segundo PERROT (1988) as mulheres tinham “poder” no século XIX, mas esse poder era resultado das ideias dominantes do período. Cabia à figura feminina o poder civilizacional, ou seja, de educação das crianças como bons conhecedores das regras e costumes. Contudo ela, por sua vez, estava subordinada àquilo que a figura masculina tivesse por interesse. Já quando pensadas a partir das relações entre os sexos percebe-se que as mulheres resultam de uma evolução, a subordinação a que estavam impostas era algo possível de ser revertido.

De acordo com a autora percebe-se que nos centros urbanos, a figura da mãe se reforçou a partir do distanciamento do pai do seio familiar devido ao trabalho. Fazer a quitação das contas e as compras para a casa era ordenado pela mulher com o salário do marido. O fato de administrar o salário do marido se caracteriza como uma conquista feminina que delega poder à mulher e ao mesmo tempo responsabilidade, e nos momentos de dificuldade, de

carência, conduzem a mãe da família à privação. Essa “privação pessoal” que PERROT (1988) descreve é sempre em prol dos filhos. Privação que podemos entender neste contexto em que analisamos as mulheres catadoras no início do século XXI, não deixou de existir, o que surgiu foram possibilidades para essas mulheres evitarem tal privação.

Dentro deste estudo podemos verificar que não depende apenas da força de vontade destas mulheres buscarem um futuro melhor, pois elas já se agarraram àquilo que foi possível, mas depende sim também da consciência coletiva em fazer a separação dos materiais recicláveis e deixá-los acessíveis àqueles e àquelas que fazem destes rejeitos o seu sustento e de suas famílias.

Além da consciência ecológica/ambiental que podemos observar a partir deste estudo, podemos compreender que as condições de trabalho em que as catadoras se inserem e seu modo de vida demonstram as desigualdades sociais postas e cada vez mais enfatizadas pela lógica da sociedade capitalista.

Referências bibliográficas

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Editora LTC, 1982.

CREMA, Everton Carlos e ESTACHESKI, Dulceli de Lourdes Tonet (orgs.). **Catadores da Margem Esquerda: Coleta, Sobrevivência e Identidade no Médio Iguaçu no início do século XXI**. União da Vitória: FAFI/Kayganguê, 2010.

FARIA, Sheila de Castro. **História da família e demografia histórica**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONTES, Virginia. **Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

MELLO, Sylvia Leser de e GOMES, Jerusa Vieira. **Família, mulher e criança em São Paulo: história da vida familiar em camada popular urbana**. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de e CAPELATO, Maria Helena Rolim (Orgs.). *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. São Paulo: EDUSP, 1999.

PEDRO, Maria Joana. **Estratégias de sobrevivência urbana**. In: HOLANDA,

Heloísa Buarque de e CAPELATO, Maria Helena Rolim (Orgs.). *Relações de gênero e diversidades culturais nas Américas*. São Paulo: EDUSP, 1999.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em: 04 de Maio de 2012.

Aprovado em: 25 de Junho de 2012.